

# Sistematização de Boas Práticas



Transmissão e partilha de conhecimentos  
sobre modos de produção sustentável

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Designação da prática

Transmissão e partilha de conhecimentos sobre modos de produção sustentável

## Contexto e processo

Como resposta à necessidade natural e à exigência formal de controlo de qualidade alimentar, quer no âmbito da produção de produtos hortícolas e frutícolas, quer no âmbito da sua comercialização, o aTerra facultou aos pequenos produtores e agricultores do concelho de Ourém quatro formações com a duração de um dia cada: Modo de Produção Biológico – Módulos I, II e III; HACCP - Análise de Perigos e Pontos Críticos de Controlo.

Na formações abordaram-se a nível teórico e prático os seguintes itens:

- escolha e organização correta do local e as culturas a instalar;
- seleção adequada da disposição e o local de instalação das culturas;
- escolha e adequação das culturas aos respetivos ciclos culturais;
- reconhecimento das diferentes características das culturas;
- organização espacial das culturas a instalar;
- preparação e acompanhamento do bom desenvolvimento do solo e da instalação das culturas;
- asseguramento de uma adequada preparação do solo;
- execução de práticas simples de fertilização do solo;
- identificação da importância de uma boa nutrição das plantas;
- enumeração dos diferentes tipos de sementeira;
- listagem dos modos e tipos de plantações;
- controlo dos diversos tipos de infestantes;
- acompanhamento do bom desenvolvimento das culturas;
- escolha adequada das diferentes associações de culturas;
- organização e desempenho de boas práticas de rega;
- enumeração de técnicas de controlo de pragas e doenças para as culturas instaladas;
- estimulação de insetos auxiliares.

Além da aprendizagem formal, estas formações proporcionaram momentos de partilha de saberes entre os vários participantes: produtores de agricultura tradicional, jovens agricultores e outros interessados, de diversas áreas e faixas etárias.

## Atores

João Pedro Oliveira, técnico agrícola; equipa aTerra; jovem voluntário aTerra, formado na área de Agronomia; formandos.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Impacto na comunidade:

Os participantes apreenderam diversas técnicas de produção em modo biológico, tendo já iniciado nas suas produções a transição do método tradicional para o modo de produção apreendido, o que beneficiará a alimentação do consumidor individual e do consumidor coletivo, nos cabazes PROVE e nas escolas, respetivamente.

As diversas áreas e faixas etárias dos participantes proporcionaram momentos de partilha de experiências e mundividências que tornaram ainda mais ricos cada um dos dias de formação. Os exemplos de boas práticas apresentados por cada um dos participantes inspiram e motivam os outros para a concretização das mesmas.

A nível individual, a participante Inês Mendes, também professora responsável do Clube aTerra no CSCM, viu aprofundados os seus conhecimentos no âmbito da Agricultura. As aprendizagens por ela realizadas têm sido partilhadas na sua escola, de um modo especial no clube que dinamiza, reforçando a consciência do seu papel no desenvolvimento sustentável da sua comunidade.

## Inovação e fatores de sucesso

As diferentes áreas de que provêm os participantes, bem como os diferentes níveis de conhecimento a nível de agricultura, proporcionaram uma reflexão mais rica e impulsionadora de novas reflexões, quer sobre técnicas de agricultura, quer sobre as realidades e dinâmicas agrícolas de territórios de minifúndio.

As técnicas tradicionais regularmente aplicadas por alguns dos formandos foram confrontadas pelas técnicas de produção em modo biológico, tendo esse confronto resultado não na oposição agricultura tradicional / agricultura biológica, mas na simbiose das duas. Na verdade, o processo de passagem para a produção em modo biológico requer primeiramente a consciencialização dos benefícios desta para uma transição sustentada e uma efetiva “conversão”.

A partilha e convivência entre todos os formandos contribuiu para uma maior confiança entre os que trabalham como produtores, meio este que habitualmente costuma ser caracterizado pela desconfiança e falta de união. Na verdade, o aprofundamento de laços levou à criação de algumas parcerias que permitem a mitigação ou até a eliminação de alguns bloqueios que de outra forma permaneceriam.

## Riscos e limitações

Não havendo um acompanhamento pós-formação, os formandos poderão ficar-se apenas pelos conhecimentos ou por uma experiência sem continuidade no tempo.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



Jornada aTerra / Encontro “À conversa com...”

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Designação da prática:

Jornada aTerra / Encontro “À conversa com...”

## Contexto e processo

Perante a realidade florestal de Ourém, justificava-se um encontro “À conversa com...” à volta do tema “Ordenamento do Território”, que se concretizou no dia 4 de junho de 2015, com a presença de atores locais e responsáveis nacionais. O esquema geral da jornada consistiu numa visita de campo seguida de debate. Após uma breve introdução ao dia, o grupo de participantes saiu numa visita a algumas zonas do concelho de Ourém, guiados pelo Engenheiro Pedro Cortes, da Geoterra, empresa local com mais de 25 anos de experiência. Esta aterragem no território teve o seu ponto alto num debate vivo que decorreu num espaço de vasta zona flagelada por ciclos consecutivos de incêndios, onde se tornou difícil caminhar perante as crateras de erosão nos caminhos, muitas vezes entrecortados por paus de eucalipto, a proliferar abundantemente e sem qualquer regra de ordenamento nesta zona. Se era suposto que o debate acontecesse da parte da tarde já em sala (como veio a acontecer), a verdade é que este momento deixou marca em todos. A marca que mobiliza a fazer algo, a unir esforços, a articular atores e setores, numa missão que é de toda a sociedade e não apenas dos micro proprietários desta zona.

Ao almoço, num ambiente simples e familiar, de mesas corridas onde todos tiveram lugar (e eram mais de 60), foi possível continuar conversas, partilhar impressões e emoções, de igual para igual.

E chegou então a hora de ler em conjunto o que tinha acontecido da parte da manhã. E muita coisa tinha acontecido. Depois de uma primeira sistematização da visita feita, chegou o momento de lançar o debate, a partir das marcas e impressões partilhadas por vários oradores convidados. Várias palavras se foram repetindo. E não se referiam propriamente a soluções técnicas (que também foram debatidas). Referiam-se a valores humanos que deveriam estar na base de todos os planos e programas de ordenamento e desenvolvimento: cuidar das pessoas, do que necessitam, ouvir os seus sonhos, devolver-lhes a confiança e a dignidade. Não perseguidos (para pagamento de coimas de incumprimento) mas incluídos e envolvidos, escutados, representados na sua realidade específica, integrados nas políticas públicas de desenvolvimento sustentável.

A primeira parte da visita da manhã, a diferentes áreas objeto de limpezas de matos e recuperação de galerias ripícolas no âmbito do PRODER (anterior Programa de Desenvolvimento Rural da UE), lideradas nos últimos anos pelas Juntas de Freguesia do concelho em nome dos milhares de pequenos proprietários, mostram como coletivamente é possível avançar, cuidar, encontrar saídas para estas zonas abandonadas, caminhos de sustentabilidade social e ambiental. Pelo Bem Público que geram, nomeadamente na defesa da floresta contra incêndios, deveriam ser objeto de discriminação positiva por parte do governo. Dias como este contribuem sem dúvida para avançar nesse sentido.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Contexto e processo (cont.)

Este foi um dia em que se testemunhou efetivamente o fortalecimento da sociedade civil e a aproximação dos cidadãos aos decisores políticos, o fundamento do Programa Cidadania Ativa (EEA Grants /Fundação Calouste Gulbenkian) no qual o projeto aTerra se integra.

## Atores

- Decisores políticos locais, como presidentes de junta e presidente da câmara municipal;
- Decisores políticos nacionais, como o Engenheiro Miguel Castro Neto, Secretário de Estado do Ordenamento do Território e Conservação da Natureza;
- Bombeiros do concelho;
- Engenheiro Pedro Cortes da empresa municipal ouriense Geoterra;
- Engenheiro João Pinho, vice-Presidente do Instituto da Conservação da Natureza (ICNF);
- Professor Francisco Cordovil, do INIAV (ex-Diretor do Gabinete de Políticas e Planeamento do Ministério da Agricultura);
- Engenheiro Tito Rosa (Presidente da Liga para a Proteção da Natureza - LPN e ex-presidente do ICNB - Instituto para a Conservação da Natureza e Biodiversidade);
- Engenheiros Conceição Santos Silva e António Alberto Gonçalves Ferreira da APFC (Associação de Produtores Florestais de Coruche)

## Impacto na comunidade

Os participantes, de um modo particular o decisor político nacional e os técnicos, quer do concelho de Ourém, quer de outros pontos do país, tomaram conhecimento *in loco* de uma realidade da qual ouvem falar, mas com a qual poucos contactam. Na verdade, a visita de campo, nomeadamente a um espaço exemplo de mau ordenamento do território – plantação de eucaliptal sem manutenção – trouxe à consciência destes agentes os prejuízos a nível ambiental, social e económico que estas realidades acarretam, quer a nível local, quer a nível nacional. Os próprios participantes da comunidade mostraram-se indignados com o quadro que se lhes apresentava, levando-os a refletir sobre o papel de cada um no ordenamento do território. Para a motivação dessa “conversão” foi igualmente alvo de visita um espaço exemplo de bom ordenamento – um pinhal limpo e com resinagem - caminho de sustentabilidade ambiental e social, cujo valor foi sublinhado por todos, de um modo especial pelos bombeiros presentes, nomeadamente no que diz respeito à defesa da floresta contra incêndios. Ao decisor nacional, solicitou-se que estes exemplos sejam objeto de discriminação positiva por parte do governo.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Inovação e fatores de sucesso

Realizar uma Jornada de reflexão tendo como ponto de partida a visita ao terreno, permitindo um debate com os pés na terra, foi um fator de sucesso e uma inovação dentro das práticas locais. Trazer para este debate decisores nacionais, muitas vezes afastados desta realidade periférica, é sem dúvida um ponto chave para a aproximação das políticas às realidades. Por outro lado, na jornada aTerra, os cerca de 60 participantes vieram dos mais diversos cargos, áreas e sensibilidades: engenheiros florestais, técnicos agrícolas, presidentes de junta de freguesia, presidente de câmara, bombeiros, arquitetos paisagistas, pequenos produtores, decisor político a nível nacional, professores, etc... Esta diversidade observada a vários níveis tornou ainda mais produtivo o debate acerca do estado atual do ordenamento do território, trazendo ao centro ideias/soluções que, *a priori*, não seriam tão evidentes, mas nas quais se poderá colocar grande parte da esperança num futuro melhor. Na verdade, não só se referiram e debateram soluções técnicas, como também se referiram valores humanos e se mostrou a necessidade de os colocar na base de todos os planos e programas de ordenamento e desenvolvimento: cuidar das pessoas, do que necessitam, ouvir os seus sonhos, devolver-lhes a confiança e a dignidade. Para que possam viver não como indignos (Porque não cuidam das suas áreas florestais, deixando-as ao abandono – Como?.. se não têm recursos para o fazer? Como?... se o desafio é de tal maneira grande que só pode ser encarado por todos nós?), mas dignamente e em paz... Não perseguidos (para pagamento de coimas de incumprimento), mas incluídos e envolvidos, escutados, representados na sua realidade específica, integrados nas políticas públicas de desenvolvimento sustentável.

## Riscos e limitações

Tal como qualquer atividade pontual, e ainda que marcante para todos os participantes, se não acompanhada posteriormente pode não gerar qualquer impacto na realidade em que se pretende intervir.

Um projeto promovido por:



Cofinanciado por:



Em parceria com:

Com o apoio de:

# Sistematização de Boas Práticas



## Clube aTerra

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:





# Sistematização de Boas Práticas



## Designação da prática

Clube aTerra

## Contexto e processo

Perante a proposta da implementação do projeto aTerra no Colégio do Sagrado Coração de Maria, a direção do colégio reconheceu de imediato a sua pertinência e decidiu integrá-lo no Plano Anual de Atividades. No sequência dos diversos pontos de articulação entre o aTerra e o Colégio do Sagrado Coração de Maria – Fátima concretizados desde o início do projeto, em fevereiro de 2014, procedeu-se em outubro do mesmo ano ao pontapé de saída do Clube aTerra, que se junta a outras atividades extracurriculares oferecidas pela escola. Previamente, a professora Inês Mendes apresentou a toda a comunidade escolar os objetivos do clube: analisar Perspetivas Globais e Estratégias Locais para o Desenvolvimento Rural Sustentável; consciencializar para o desenvolvimento sustentável da agricultura local; promover a aproximação de produtores e consumidores, com enfoque na aquisição direta de produtos locais; motivar os mais jovens para o cultivo da terra. Inscreveram-se 14 alunos, que se mantiveram ao longo do ano, de forma ativa e entusiástica. A periodicidade do Clube é semanal, tendo a duração de 60 minutos. Foram dinamizadas pela equipa do aTerra cinco oficinas: Consumo Responsável, Desperdício Alimentar, Alimentação Sustentável (com o apoio de Gisela Cid), Participação Cívica e Horta Pedagógica – Colheita e Cultivo, esta última realizada na Quinta da Casa Velha, em Ourém, das 15h de uma sexta-feira às 15h do dia seguinte.

Além das Oficinas aTerra, organizaram-se as seguintes atividades:

- sessões de reflexão e trabalho a partir de questões como *Qual o meu papel no Mundo? Como posso fazer a diferença? Como posso ser mais sustentável?*
- momento de conversa com produtor local (produtor PROVE);
- ações de sensibilização de toda a comunidade escolar (no Dia Mundial da Alimentação, distribuição de mensagens sobre a fome no mundo, o desperdício alimentar e a alimentação sustentável);
- manutenção das ervas aromáticas no canteiro da escola e plantação vertical de morangueiros, em garrafas de água reutilizadas;
- produção de composto;
- elaboração de regadores a partir de embalagens de detergente líquido da roupa;
- aromatização de sal com cascas de laranja e limão desperdiçadas;
- presença de produtores locais e mostras dos seus produtos na festa de final de ano da escola;
- redação de artigos para o jornal da escola sobre as atividades do Clube.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Atores

Inês Mendes, professora responsável do Clube; 14 alunos do 9.º ano; equipa aTerra para a dinamização das Oficinas e outros apoios; convidados para sessões de conversa (atores locais).

## Impacto na comunidade

Os participantes, encarregados de educação e comunidade escolar em geral estão mais conscientes do seu papel no desenvolvimento sustentável do concelho. Sensibilizados pelas questões colocadas logo nas primeiras semanas, os participantes do Clube aTerra foram tomando as suas próprias iniciativas, como a sensibilização junto da família e dos amigos. Pelo contacto com o Clube aTerra e, de um modo específico, pelo contacto direto com produtores locais que estiveram presentes na festa de final de ano, a comunidade escolar prefere cada vez mais os produtos locais, tendo apresentado já o interesse na abertura de um núcleo PROVE em Fátima. Várias diligências estão a ser tomadas nesse sentido.

Com a chegada do final do ano letivo 2014/2015, chegou ao fim o Clube aTerra desse mesmo ano, tendo os respetivos participantes terminado no colégio a sua caminhada e rumado a novas escolas para se inscreverem no ensino secundário. Contudo, o bom exemplo do funcionamento do Clube e a sua repercussão em toda a comunidade escolar desenvolveu um importante ponto de alavancagem para a constituição de um novo Clube aTerra no ano letivo 2015/2016. O novo Clube é constituído por 14 alunos, dos 6.º e 7.º anos.

Durante a Oficina Horta Pedagógica – Cultivo e Colheita, que se realizou na Quinta da Casa Velha, desde as 15h do dia 17 de abril até às 15h do dia seguinte, houve espaço para a conceção de dois filmes de sensibilização e concretização das respetivas filmagens. Tendo em conta as estatísticas do canal *youtube* da FEC (Fundação Fé e Cooperação) onde os filmes se encontram publicados, os mesmos têm chegado a vários pontos do país e do estrangeiro.

A convite da Rede de Educação para a Cidadania Global, o Projeto aTerra, representado por um elemento da equipa e por Inês Mendes, a professora responsável do Clube aTerra no CSCM, esteve presente no X Encontro Nacional de Educação para a Cidadania Global. Estes encontros juntam todos os anos educadores/professores para um dia de “reflexão, aprendizagem, debate, partilha e participação conjunta no âmbito da ECG”. Na parte da manhã, dedicada à partilha e debate de experiências concretas no âmbito da ECG, a experiência do Projeto aTerra, de um modo especial a experiência educativa no CSCM, foi o ponto de partida para essa mesma partilha no grupo de trabalho subordinado ao tema “Soberania Alimentar”.

A convite da Câmara Municipal de Ourém, no dia 23 de setembro, no seminário *Educar e Aprender no Concelho de Ourém*, o CSCM, representado pela professora Inês Mendes, apresentou o Clube aTerra como *boa prática para a vida*.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Inovação e fatores de sucesso

Os jovens foram sensibilizados e mobilizados para aqueles que são os desafios do desenvolvimento sustentável a nível local e global, dinamizando-se nas escolas, entre outras atividades, oficinas temáticas. Apesar de a juventude do concelho de Ourém ser rural, ela é, na verdade, caracteristicamente urbana e desconectada da sua realidade e dos assuntos rurais. É necessário ajudar estes jovens a voltarem à terra, a conhecerem as suas raízes e a sua realidade e, assim, participarem mais e melhor na sua comunidade. Na verdade, é quando experimentam estes desafios na sua vida, a nível local e a nível pessoal, que os jovens mais facilmente se mobilizam para questões globais. Um caso particular (e de sucesso) a nível da sensibilização e mobilização de jovens para os desafios desenvolvimento sustentável foi precisamente o Clube aTerra, que, com a ajuda do projeto, fez e continuará a fazer parte integrante de uma roda que liga vários atores locais, como produtores, consumidores individuais e coletivos, e decisores políticos, num processo criativo e participativo, onde todos sentem ter um papel a desempenhar.

## Riscos e limitações

Depois de dois anos de projeto, os resultados são visíveis, mas carecem de tempo para frutificarem ainda mais nestes caminhos de sustentabilidade que entretanto se criaram. Os participantes do Clube – como é próprio da adolescência – poderão “exigir” inconscientemente um impacto rápido e visível no âmbito das iniciativas por eles realizadas. No entanto, a “conversão” de uma mentalidade requer permanente consciencialização e tempo. Apesar da sensibilização que promoveram junto de familiares, amigos e comunidade escolar, estes jovens poderão não assistir a mudanças efetivas por parte daqueles. Importa explicar-lhes que depois da “sementeira” é necessária a manutenção da plantação e a espera do momento certo para a “colheita”.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



Agrupamento de Escolas de Ourém (AEO):  
consumidor coletivo de produtos locais

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Designação da prática

Agrupamento de Escolas de Ourém (AEO): consumidor coletivo de produtos locais

## Contexto e processo

O Agrupamento de Escolas de Ourém iniciou no ano letivo de 2014/2015, com o apoio do projeto aTerra, os almoços com produtos locais. Esta iniciativa foi concretizada três vezes ao longo do referido ano, constituindo durante o ano letivo seguinte um acontecimento com maior regularidade, nomeadamente três almoços, não num ano, mas por cada um dos três períodos.

Em alguns destes almoços, sentaram-se à mesma mesa a equipa aTerra, a responsável da escola pelo Eco-Escolas, Gracelinda Marques, a diretora do agrupamento de escolas, Sandra Pimentel, a presidente da Assembleia Municipal, Deolinda Simões, o professor responsável da turma aTerra, Jorge Mendes, uma representante da empresa municipal OurémViva, Gisela Cid, a responsável da escola pelas compras dos produtos alimentares, Sofia Margarido, e os produtores locais que forneceram os produtos hortícolas para o almoço, Piedade Oliveira e António Oliveira. Num dos almoços estiveram também presentes duas representantes da Câmara Municipal de Ourém, Paula Couto (Divisão de Ambiente) e Ana Alves (Educação e Assuntos Sociais), bem como um representante da Associação de Pais, Luís Carvalho.

Após a degustação da refeição, cujos sabor e qualidade foram sempre tão apreciados por todos, inclusive por alunos, prolongou-se o diálogo entre os vários atores presentes com a concertação de novas estratégias e iniciativas promotoras de um desenvolvimento mais sustentável na escola e no concelho de Ourém.

## Atores

Escola (direção), comunidade escolar, produtores locais, câmara municipal.

## Impacto na comunidade

A sensibilização para o consumo responsável e a alimentação sustentável realizada na escola, quer por meio de oficinas, quer por meio da presença de um produtor local no Dia Mundial da Alimentação, teve a sua repercussão e a sua praticidade nesta iniciativa – refeições com produtos locais.

O primeiro almoço concretizou-se pela intermediação da equipa aTerra no processo de pedido e fornecimento dos produtos. A partir do segundo almoço o apoio do projeto foi dispensável, pois as respetivas diligências começaram a ser tratadas diretamente entre a escola e os produtores.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Impacto na comunidade (cont.)

A maior regularidade deste acontecimento permitirá aos produtores um melhor escoamento dos seus produtos bem como um maior rendimento. À escola proporcionará uma alimentação mais sustentável e saudável por meio de produtos biológicos, frescos, locais e da época.

Os resultados desta boa prática em duas escolas do Agrupamento de Escolas de Ourém motivaram igualmente o Colégio do Sagrado Coração de Maria a aderir de forma efetiva aos almoços com produtos locais.

## Inovação e fatores de sucesso:

A par das oficinas de sensibilização e mobilização realizadas junto dos alunos e de toda a comunidade escolar, a escola, por iniciativa da direção, inicia um processo que sustenta a ideia “das palavras aos atos”: o consumo responsável, a alimentação sustentável e o desperdício alimentar não são só falados, mas também concretizados na forma de refeições com produtos locais biológicos. Este processo permite um percurso pessoal e coletivo de reflexão – ação, gerador de dinâmicas de compromisso, responsabilidade, confiança e interajuda, o bom substrato para o desenvolvimento sustentável e para o bem comum.

Os produtores intervenientes aumentaram os seus rendimentos e estabeleceram novas redes sociais que trouxeram à sua vida novos estímulos, mais bem-estar, maior felicidade.

## Riscos e limitações

O receio de se formalizarem como produtores (junto das finanças, higiene e segurança alimentar), o individualismo, a desconfiança e a falta de compromisso podem bloquear o espírito de cooperação entre produtores que fornecem os hortícolas e frutícolas à escola, bem como entre produtores e consumidores. Más experiências do passado associadas a cooperativas parecem ser fantasmas recorrentes a enfrentar.

A desconfiança e receio de poderem vir a ser prejudicados ao aderir a dinâmicas como esta, poderá levar muitos produtores a não fazê-lo, podendo verificar-se um número insuficiente de fornecedores para assegurar a regularidade e quantidade de produtos necessários à confeção das refeições. É importante, pois, ganhar a confiança dos atores locais e desmistificar o processo de adesão a uma iniciativa como esta: a apresentação de vantagens individuais e coletivas comprovadas poderá fazer superar o receio de eventuais prejuízos neste processo. Além disso, e não menos importante, a cooperação entre produtores poderá ser uma chave para esse bloqueio.

O processo de agregação e estruturação da pequena produção exige um acompanhamento de grande proximidade, o qual hoje em dia raramente é assegurado por serviços públicos de extensão rural. Esta é uma limitação real na implementação deste tipo de iniciativas.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



Escola de Verão:  
atores locais e nacionais em reflexão e ação

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Designação da prática

Escola de Verão: atores locais e nacionais em reflexão e ação

## Contexto e processo

De 21 a 25 de julho de 2014 e de 20 e 24 de julho de 2015, realizaram-se na Quinta da Casa Velha, em Ourém, a primeira e segunda edição da Escola de Verão aTerra, respetivamente.

Na primeira edição, “Perspetivas globais e estratégias locais para o Desenvolvimento Rural Sustentável” foi o tema tratado ao longo dos cinco dias, enquanto que a segunda edição versou sobre o tema “aTerrar a Sustentabilidade em Valores”.

Em resultado de cada uma das edições da Escola de Verão do projeto aTerra, foi produzido um documento final que os participantes tiveram oportunidade de ler e de entregar a um ator nacional convidado, nomeadamente ao Secretário de Estado da Agricultura, Engenheiro José Diogo de Albuquerque (na primeira edição), e ao diretor-geral do Gabinete de Planeamento, Políticas e Administração Geral, Eduardo Diniz (na segunda edição). Em ambos os documentos, elencou-se, além de vários pontos inspiradores, um conjunto de inquietações e questões em torno do desenvolvimento rural dos territórios marcados pela agricultura de pequena dimensão. Na verdade, foi objeto de reflexão a articulação (ou a sua falta) das estratégias locais com os desafios globais de desenvolvimento sustentável, avaliando-se a realidade das zonas rurais de minifúndio do nosso país em relação a outros territórios, nomeadamente CPLP, com as perspetivas de diferentes atores (técnicos, empresas, decisores políticos, Associações, Organizações da sociedade civil, produtores e consumidores) a trabalhar a nível global e local.

Na tarde de encerramento de cada uma das escolas, abriu-se a escola à participação livre de vários atores locais, que ouviram as conclusões das reflexões realizadas ao longo da semana e tiveram a oportunidade de intervir no debate final, com a presença de um ator nacional.

Que futuro para a agricultura familiar dentro do próximo quadro comunitário de apoio (PDR), como ultrapassar os constrangimentos da compra de produtos locais por parte das instituições locais (ao abrigo das compras públicas), como concretizar a articulação entre o Ministério da Educação, Ciência e Ensino Superior e o Ministério da Agricultura e do Mar de modo a integrar processos educativos de uma cultura de responsabilidade com a Terra, foram algumas das questões abordadas.

## Atores

Participantes nacionais e internacionais, atores locais e atores nacionais

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:





# Sistematização de Boas Práticas



## Impacto na comunidade

A Escola de Verão aTerra proporcionou o encontro de jovens universitários e profissionais de vários pontos do país e de dois países da CPLP, Angola e Moçambique. Neste contexto, o cruzamento de olhares a partir de diferentes perspetivas levou à reflexão sobre o valor fundamental do desenvolvimento rural em diferentes realidades.

A este grupo, constituído por participantes de diferentes formações, sensibilidades e experiências, juntaram-se em algumas sessões atores locais que partilharam a sua experiência e com os quais se delinearão estratégias para os bloqueios com que ainda se deparam. As reflexões foram igualmente profícuas pela motivação que renovaram em pequenos produtores mais fragilizados e em presidentes de junta mais desligados. Por outro lado, foi bem visível o impacto positivo deste formato informal de encontro nos convidados externos, pouco habituados a reuniões de discussão em espaço tão simples como uma antiga adega, o que por si contribuiu para a aproximação entre todos e para a relevância e seriedade dos debates.

Ao longo da semana foi sendo construída uma reflexão crítica em conjunto, que se cristalizou num documento final e recomendações apresentadas no último dia da escola (de cada edição), a decisores nacionais, dando enfoque aos desafios e valor da pequena agricultura (geração de emprego, defesa da floresta contra incêndios, preservação de património e identidade, segurança e soberania alimentar, etc.). Neste âmbito, sublinhou-se a ideia de que as políticas de desenvolvimento rural não devem ter em conta apenas os valores económico-financeiros e a economia de mercado, devendo ser reconhecida toda a complexidade inerente à realidade e integrados nas políticas valores como a confiança, esperança, identidade ou consciência coletiva, levando a uma conversão de atitude face às novas realidades.

A informalidade e simplicidade da Escola, aliada à qualidade dos conteúdos e intervenientes gerou forte impacto em todos, criando o ambiente propício para debates frutuosos.

## Inovação e fatores de sucesso

A diferença faz-se localmente, ideia muitas vezes desprestigiada pelos próprios decisores nacionais. A falta de articulação do poder central com as diferentes realidades do país acaba por permitir que leis inadequadas para uma determinada situação careçam de uma devida adaptação, tornando-se inúteis e muitas vezes bloqueadoras do desenvolvimento sustentável. A Escola de Verão congregou participantes de várias regiões do país, bem como de Angola e Moçambique, que puderam apresentar aos decisores nacionais, com exemplos dos seus diferentes territórios, a importância crucial da produção local na economia local, regional, e conseqüentemente, na economia nacional.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:



# Sistematização de Boas Práticas



## Inovação e fatores de sucesso (cont.)

Novas perspectivas são abertas: o encontro de jovens de diferentes áreas e sensibilidades frutificou copiosamente em terra que se pensaria exclusiva de técnicos. Na verdade, a reflexão conjunta concretizada no âmbito desta diversidade, trouxe ao debate questões tão ou mais pertinentes no que respeita ao desenvolvimento sustentável, mas que por vezes são abordadas de forma abstrata e desligada.

O formato da Escola, complementando teoria e prática, permitindo diferentes dimensões e perspectivas de intervenção no desenvolvimento rural, cruzando com simplicidade atores locais e nacionais no território em análise, é inovador e fator chave de sucesso para os bons resultados alcançados, quer ao nível de conhecimentos e questionamento adquiridos pelos participantes, quer como modelo de aproximação dos decisores políticos à realidade e pessoas.

## Riscos e limitações

Sentiu-se como risco e limitação a preparação e interesse comprometido dos participantes no processo proposto. Nem todos vêm com a mesma expectativa, atitude e desejo de participação, o que pode limitar a qualidade da reflexão alcançada.

Um projeto promovido por:

Cofinanciado por:

Em parceria com:

Com o apoio de:

